



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	A Necessidade do Tratado Sobre a Acrasia na Ética de Aristóteles
Autor	FILIPE KLEIN DE OLIVEIRA
Orientador	INARA ZANUZZI

A Necessidade do Tratado Sobre a *Acrasia* na Ética de Aristóteles

Autor: Filipe Klein de Oliveira

Orientadora: Inara Zanuzzi

UFRGS

Os comentadores de Aristóteles tendem a concordar que existem duas noções de *acrasia* dentro dos escritos do filósofo. Uma delas dá ênfase ao conflito entre razão e apetite, noção que foi possível graças ao entendimento de que a alma se divide em partes. Este entendimento se originou com Platão na *República* (434e-441b) e, sem dúvida, foi adotado por Aristóteles. A razão e o apetite, sendo partes distintas da alma, podem entrar em conflito, quando isto acontece e a parte irracional vence, temos a *acrasia*. A outra noção, que aparece no polêmico capítulo 3 do Livro VII da *Ética* a Nicômaco, por incrível que pareça, parte do pressuposto de que a *acrasia* deve envolver algum tipo de ignorância. Isto parece contra-intuitivo, já que a *acrasia*, por definição, é uma ação contrária ao saber. Obviamente, ações contra o conhecimento só podem acontecer caso este esteja presente.

Alguns comentadores, dentre eles Marco Zingano (*Acrasia e o Método da Ética*), defendem que Aristóteles, tendo em mãos a primeira explicação, não precisava (ou até mesmo não devia) ter partido para a segunda. Zingano defende que Aristóteles traiu a si mesmo ao escrever o tratado sobre a *acrasia* no livro VII. Isto aconteceu porque Aristóteles resolveu seguir cegamente um método dialético que promete salvar o máximo de opiniões reputadas possível. Dentre as opiniões listadas está a de Sócrates que acreditava na impossibilidade de *acrasia* e defendia que ações ruins só podiam acontecer por ignorância. Segundo esta leitura, Aristóteles queimou o seu filme em função de dar um pouco de fundamento para o discurso socrático.

Jessica Moss (*Akrasia and Perceptual Illusion*) reconhece que essas duas noções estão presentes em Aristóteles, mas, por outro lado, defende que a *noção da ignorância* tem como função complementar a *noção de conflito*. A necessidade de complementação nada tem a ver com o método dialético ou com aquilo que Sócrates pensa. A necessidade surge dentro do próprio discurso aristotélico. Para atingir o seu objetivo, Moss argumenta em favor de uma aproximação entre a *acrasia* e os casos de ilusão perceptiva, pautando-se no fato de que ambos fenômenos envolvem um conflito entre razão e imaginação. Não faltam passagens em que Aristóteles defende não ser possível agir de acordo com uma ilusão caso o sujeito tenha plena consciência da mesma (429a5-8; 459a6-8; 460b3), isto só pode acontecer se o intelecto for, de alguma maneira, obscurecido. Mas como ambas noções podem explicar o mesmo fenômeno? Moss revolve este problema ao descrever a *acrasia* na forma de um processo. Num primeiro momento, temos a hesitação, que se dá devido a presença de um conflito entre as partes da alma. Em outro momento, o sujeito perde a consciência de que a ação de acordo com o seu apetite realiza apenas um bem aparente. Entre esses dois momentos, temos a ação do apetite, que segundo Aristóteles, pode atrapalhar o bom funcionamento do pensar.

Mesmo que um método bem delineado tenha sido seguido em EN 7.3, fica a pergunta: por que Aristóteles seguiria um método de investigação sem estar disposto a assumir as suas consequências? Mesmo que a opinião contrária a possibilidade de *acrasia* não seja levantada pelo próprio Aristóteles, ainda há a possibilidade de que ele a considere importante e digna de análise. Se Jessica Moss tem razão ao dizer que a *noção de conflito* tem limitações explicativas, a divisão das partes da alma pode ter sido um grande avanço, mas, de maneira alguma, superou os argumentos que Sócrates apresentou no *Protágoras* (351b-357e).